

Metáforas sobre o capitalismo na pandemia do coronavírus: o discurso neoliberal dos empresários Brasileiros

Metaphors about capitalism in the coronavirus pandemic: the neoliberal discourse of Brazilian entrepreneurs

DOI:10.34117/bjdv7n7-211

Recebimento dos originais: 08/06/2021

Aceitação para publicação: 08/07/2021

Marcelo Augusto M. Barbosa

MSc

PGDRA Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente/ Universidade Federal de Rondônia UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa e Grupo de Pesquisa em Energia Renovável Sustentável- GPERS/UNIR-RO
E-mail: marcelopvh@gmail.com

Joyce Anne de O. Freire

Esp

Docente do Curso de Direito do Centro Universitário São Lucas- Porto Velho-RO.

Rosalina Alves Nantes

MSc

Departamento Acadêmico de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Rondônia, Brasil – Membro do Grupo de Pesquisa: Direito e Políticas Públicas na Amazônia Ocidental (DPPAO) e Grupo de Pesquisa em Energia Renovável Sustentável GPERS/UNIR-RO

RESUMO

Este ensaio objetiva analisar os discursos de empresários brasileiros que centram suas retóricas de que os negócios não podem parar por causa da pandemia. Suas falas foram ditas em redes sociais durante o processo de isolamento social. Nossa intenção com isso é trazer a reflexão filosófica e sociológica bem como argumentos teóricos científicos. Análise do discurso é utilizada como análise, isso se dá através de quadro analítico que define os emissores; os corpus dos discursos; a interpretação teórica e do discurso. Conclui-se que, desde março de 2020, os empresários, balizados pelo discurso negacionista do governo brasileiro, foram importantes mobilizadores, de que é pior morrer de fome do que morrer de covid-19 e com isso, contribuíram para negar a covid-19.

Palavras-Chaves: Pandemia, Coronavírus, Economia, Trabalhadores, Empresários.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the speeches of Brazilian businessmen who center their rhetoric that business cannot stop because of the pandemic. His speeches were said on social networks during the process of social isolation. Our intention with this is to bring philosophical and sociological reflection as well as scientific theoretical arguments. Discourse analysis is used as analysis, this is done through an analytical framework that defines the emitters; the corpus of speeches; theoretical and discourse interpretation. It is

concluded that, since March 2020, businessmen, marked by the Brazilian government's negationist discourse, were important mobilizers, that it is worse to die of hunger than to die of covid-19 and, with this, contributed to deny covid-19.

Keywords: Pandemic, Coronavirus, Economy, Workers, Entrepreneurs.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos tempos absurdos, inimagináveis na sã razão e lógica humana, retrocedemos mais de 100 anos depois de toda a revolução tecnológica, onde a ciência, o mais importante motor de evolução da humanidade, tornou-se um componente duvidoso, desacreditado por parte daqueles que por ora insistem em partir de concepções ideológicas negacionistas. O absurdo é tanto que, há quem acredite que o mundo é plano no sentido literal da palavra, diferente da leitura que Thomas Friedman faz sobre o mundo em sua obra *O Mundo é Plano*. Para o autor o seu mundo plano se dá pelo próprio processo de achatamento das relações comerciais entre os grandes blocos econômicos, e por isso pasteuriza, iguala e ou reduz as diferenças, o que é tão pernicioso quanto crer que vivemos em um mundo plano como os terraplanistas idealizam. Outra grande ideia estapafúrdia é que há quem sustente veementemente que as vacinas não têm efeito algum, que conspirativamente são chips que são inseridos em nossos corpos para monitoramento do comunismo. Há quem diga ainda que, investimento em ciência e tecnologia é dinheiro jogado fora, a prova disso foi o que ocorrendo no Brasil com os cortes no orçamento para educação, pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

Sim, vivemos tempos absurdos. Não que isso seja prerrogativa para se viver nos atuais tempos, mas que, sempre foi a própria compreensão do mundo em que vivemos, sempre injusto e desigual. A bem verdade, é que vivemos numa época de surrealismo, em que se desacredita na verdade dos fatos e na ciência. Estamos falando de um vírus, que já dizimou até o mês de maio de 2021 (14 meses depois do primeiro caso registrado), no Brasil 442 mil vidas e no mundo 3,4 milhões. Essa quantidade de vidas perdidas é mais acentuada em países onde seus líderes pregam o negacionismo e a excêntrica e descabida ideia de que os tratamentos precoces e a imunidade de rebanho são soluções para o que estamos passando na pandemia do Brasil.

Mundo afora, governantes brincam de governar, tentando ora, atender as necessidades do mercado, ora as necessidades de perpetuação de poder como no caso do

Brasil em que a política ideológica ultra neoliberal de direita negligencia a ajuda externa de países de viés político ideológico contrário ao atual governo.

Líderes negacionistas, pressionados pela própria necessidade de manutenção de poder advogam pela causa neoliberal. O que mais interessa é não deixar a roda da fortuna parar de girar, e ainda, que ela continue a girar, pois o discurso é: pior é morrer de fome do que morrer de um vírus, afinal, todos morreremos em algum dia. Esse discurso pragmático de falta de sensibilidade e respeito com a vida humana tem sido a tônica do que estamos presenciando nos anos de 2020 e 2021, especialmente por aqueles que deveriam estar cuidando incondicionalmente pela vida dos brasileiros.

Assim, ao acordarmos todos os dias nos perguntamos: será que faço parte desse mundo? Esse mundo verdadeiramente é justo e igual com as pessoas que vivem nele? Terei que me rastejar pelas paredes para respirar, é apenas isso? Ou posso abrir a janela e sentir o cheiro da manhã, olhar o pôr do sol e dizer que belo é a vida? Será que não estou preso em uma prisão em que todos os que estão lá fora estão certo e eu errado? Serei julgado por isso? Pelo que não fiz ou pelo que a elite quer que eu tenha feito? Mas, o que eu fiz para ter tal sentença? Tais questionamentos são meramente metáforas kafkianas que ilustram o referido ensaio o qual passamos a dissertar.

Este ensaio tem como objetivo analisar os discursos e as ações de uma parte do empresariado nacional, ora difundidas em redes sociais e demais canais de comunicação durante a pandemia da covid-19 no Brasil. Utilizaremos a análise do discurso de corrente francesa como metodologia para avaliação das narrativas dos empresários.

2 FUNDAMENTOS E METÁFORAS

Não é de hoje, tampouco recente que o capitalismo (C) e o liberalismo (L) tomam facilmente o assento na janela dos trens para ter uma viagem mais tranquila e apreciativa da paisagem assim explorável. Os assuntos relativos ao “C” e “L” são privilegiados nas discussões sociopolíticas sobre as principais catástrofes ocorridas em âmbito mundial, que efetivamente, trouxeram instabilidade econômica a sociedade em todo o planeta. Assim, ocorreu com a queda da bolsa em 1929; mais recente, com crise imobiliária americana em 2008; agora, com a pandemia do novo Coronavírus; dentre outros eventos não tão avolumados como os citados anteriores, mas que efetivamente minam o projeto do “C” e “L”.

Para que o “C” e “L” triunfe, ele deve ter como capacidade unificar os povos do planeta em uma grande demanda mundial por bens, e por isso os defensores do “C” e “L”

não mediram esforços para que isso acontecesse no tempo (HOBSBAWM, 1996), essa é a própria leitura que faz Thomas Friedman em seu *Mundo Plano*. Assim, tendo uma única forma de economia mundial, haveria uma dependência de todas as demais economias, estamos falando da concepção de Imperialismo Mundial. É como se colocássemos ordenadamente, a pedra de um jogo de dominó uma após a outras, e com isso, ao derrubarmos a primeira as seguintes caem como que por consequência das anteriores, e isso é lógica pura, mesmo que subjetiva, pois há elementos em uma economia política que não estão sendo considerados como pasteurizados, como o caso de algumas classes que resistem ao ataque neoliberal. A economia “C” e o modelo “L” é como um castelo de areia, vez ou outra, se desmancha e ao se desmanchar afeta milhões de pessoas.

As economias “C” e modelo “L” ao caírem, não se levantam só, elas não têm capital, força econômica para isso, é preciso, como a história tem mostrado, que o Estado, com sua benevolência os levantem. Uma cordialidade do Estado que se justifica em nome dos empregos e do retorno ao desenvolvimento econômico. Essa correlação dialética de causa e efeito é explicada por Berman (1986, p. 95) “[...] em um sistema no qual todas as relações são voláteis, como podem as formas capitalistas de vida – propriedade privada, trabalho assalariado, valor de troca, a incansável busca do lucro – subsistir isoladas?” Essa é sem dúvida uma relação causal, não há o que tecer críticas contrárias a isso. Mas também, há como compreender que a motivação primeira para explicar o Estado como provedor do capitalismo é essa relação de dialética causal. É como se disséssemos a alguém que temos muito apreço: “eu te ajudo para que você ajude os outros”. Isso pode muito bem servir em um ambiente familiar, com amigos, mas não é a mesma coisa quando o Estado ajuda os capitalistas. É uma grande falácia dizer que o Estado condiciona ajuda aos capitalistas para eles manterem empregos de seus funcionários, pois não é assim, o pensamento de quem está do lado de dentro dos balcões das empresas.

A indecente crise provocada pelo “C” e “L” é justificada pelos eventos e catástrofes não planejadas, mas evidenciada e amplamente alertada por especialistas da área. A história é para ser revivida e a atual pandemia não é um evento novo, basta olhar para o passado e ver que tudo se repete como ondas no tempo. Prado (2004) nos lembra, essa política, para ele “[...] a intervenção estatal no domínio econômico se justifica, e assim é interpretada, unicamente como promoção dos interesses gerais do capital e da iniciativa econômica privada” (PRADO, 2004, p. 124). “Não existe nenhum exemplo histórico de desenvolvimento de um mercado capitalista dinâmico sem que o Estado tenha sido o apoio e esteio principal” (SOUZA, 2019, p. 211).

Sobre a geração de empregos? Bom, empregos são consequências do fluxo circular e contínuo da economia, são resultantes dos investimentos que o Estado, em casos de crises, injeta na economia capitalista. O que importa são os ganhos que “C” possa vir a obter a partir do socorro estatal. O Estado liberal mínimo não serve para ajudar os que mais precisam. O “C” e “L” por meio de um discurso desprezível, por inúmeras vezes, criticam de maneira desmedida, infundada e baseadas em senso comum (afinal ciência não serve para nada mesmo) que, os programas sociais de transferência de renda, criados por governos de esquerda, só serviram para manter os desocupados mais desocupados ainda, só serviram no adágio popular para: dar o peixe aos miseráveis ao invés de ensiná-los a pescar. Fato este, que demonstra um vil e mesquinho pensamento elitista, pautado em ideologias meritocráticas falhas, desproporcionais que doravante excluem cada vez os mais vulneráveis e necessitados.

O que de fato importa para o “C” e “L” é que o Estado liberal deva ser máximo para à ajuda aos capitalistas a se soerguerem em nome de um motivo para geração de empregos. Afinal, o indivíduo precisa pescar para que o capitalista possa fruir. Contudo, “Apesar de todos os maravilhosos meios de atividade desencadeados pela burguesia, a única atividade que de fato conta, para seus membros, é fazer dinheiro, acumular capital, armazenar excedentes; não têm em si senão um interesse transitório e intermediário” (BERMAN, 1986, p. 94) e neste caso o “[...] executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX e ENGELS, 2010, p. 42).

Para Berman (1986), o que mais os capitalistas têm receio é que a grande, a atual e desarticulada massa de explorados reconheça que o discurso falacioso, construído sobre a tese de que me ajuda para eu ajudar os demais é uma mentira, que eles os veem como meios econômicos, mercadorias que simplesmente ora precisam, ora não, passíveis de descarte facilmente.

Assim, entendemos, pois muitas das ações dos capitalistas não são porque o ser humano é humano e porque ele precisa de ajuda, mas sim, porque ele naquele momento, está desfalcando a empresa, por estar doente, por estar em isolamento social, afinal, o discurso de que o empregado em casa pode ser desligado da empresa, é o motivo do discurso daqueles que se preocupam apenas com o cumprimento de suas metas acumulativas de capital, e não deixa de ser uma escravidão alienada, criada para forçar o empregado a pensar no seu emprego, mesmo que no trajeto do seu trabalho ele possa vir a contrair o vírus e que esse vírus possa, se multiplicar pelos demais familiares.

– Gregor, o gerente está aqui.
[...] O Sr. Gerente está aqui, perguntando por que você não partiu no trem de hoje cedo [...]
– Minha cara senhora, não consigo entender de jeito nenhum, – dizia o gerente, - espero não ser nada sério. Por outro lado, também devo dizer que nós, homens de negócios, com frequência simplesmente precisamos superar uma ligeira indisposição, por motivos de trabalho (KAFKA, 2017, p. 16).

No trecho acima, citado de Kafka, previsto na novela conhecida como *A Metamorfose*, fica evidente a importância do responsável pela empresa em que Gregor Samsa trabalha. Sua função é preservar os resultados da empresa mediante o controle rígido do trabalho. O gerente, a mando do capitalista é o capataz das senzalas (fábricas), é aquele que faz os subordinados cumprirem as metas definidas pela organização. Gregor Samsa, assim como qualquer outro hipotético trabalhador, poderia estar acometido de uma doença, do organismo ou da mente, mas, para o capitalista o homem é útil quando ele consegue gerar valor para o capital, do contrário, como não consegue, não tem a menor serventia. Esse é o pensamento do capitalista e do governo federal que vê na pandemia do novo corona vírus uma simples “gripezinha”.

O trabalhador é para o capital mais um ativo descartável que dá a ele no final do mês os resultados financeiros planejados. “[...] quando o trabalho se torna mercadoria e o salário é o preço pelo qual o capitalista compra do assalariado o seu trabalho, é o próprio homem, na verdade, que se torna mercadoria e é “sua carne e o seu sangue” que ele vende” (MARX, 2008, p. 83). “O que define o capitalismo como sistema específico de produção, como se dá com respeito a qualquer outro sistema, são as relações humanas de produção e trabalho, isto é, o complexo de direitos e obrigações que se estabelecem [...]” (PRADO, 2004, p. 107), entre aqueles que efetivamente participam da geração de riqueza para uns e sustentabilidade para outros, nesse caso a parte que concede em troca sua carne e seu sangue.

Assim, entendemos que todo o processo que serão descritos neste ensaio, reforça a ideia de que o “C” e o “L”, só tem um interesse, que é relativo aos ganhos de capital, algo contrário a isso, como o caso de uma pandemia mundial a qual estamos passando é meramente um problema isolado, que não merece atenção, mesmo que diariamente em médias morram 2 mil cidadãos no país.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referido ensaio é de caráter qualitativo, os dados a serem considerados são recortes de verbalizações realizadas por empresários nacionais, que foram extraídas

durante o processo de isolamento social, recomendado pela OMS, adotado pelos estados brasileiros, a fim de diminuir a contaminação do novo Coronavírus.

Os dados foram extraídos do podcast: “A revolta dos empresários com a quarentena do Coronavírus” divulgado no dia 23 de março de 2020, pelo jornal eletrônico GAZETA DO POVO. Utilizamos também como objeto de análise o áudio, supostamente vazado de um grupo de WhatsApp®, amplamente divulgado nas redes sociais e na mídia nacional do publicitário e empresário Roberto Justus. Foram realizadas transcrições das falas dos empresários: Alexandre Guerra, CEO da franquia de restaurantes Giraffas®; Júnior Durski proprietário dos restaurantes Madero®; Luciano Hang, proprietário das lojas de departamento Havan®; e do publicitário e empresário Roberto Justus.

Para realizar a análise e a discussão dos resultados, utilizamos a análise do discurso, a qual “[...] visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos.” (ORLANDI, 2015, p. 65). Indicando que o que é analisado etimologicamente é feito pela ideia de curso e de percurso, do movimento das ideias ditas e não ditas e com isso “[...] concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. (ORLANDI, 2015, p. 13).

Um dos pontos fortes da Análise do Discurso é ressignificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem [...]. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento de interpretação da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá (ORLANDI, 2015, P. 43).

Maingueneau (2015, p. 32) comenta em sua obra *Discurso e Análise do Discurso* que a maioria dos discursivistas efetivamente não atuam no campo da teoria do discurso propriamente dito. Para ao autor “[...] são analistas do discurso, que, com auxílio de múltiplos métodos, estudam corpora”. Eles são aqueles que a AD é somente uma importante caixa de ferramentas, no amplo e diversificado conjunto de métodos qualitativos. Os referidos pesquisadores atuam dentro de algumas disciplinas “[...] à qual pertencem: sociologia, história, ciências políticas, geografia... Eles aprendem o discurso como o que lhes oferece indícios que franqueiam ao pesquisador o acesso a “realidades” fora da linguagem” (MAINGUENEAU, 2015, p. 32). Assim, iremos tratar as análises do corpus dos discursos dos empresários e demais pessoas ligadas ao discurso ideológico do capitalismo.

Nas falas dos empresários, iremos analisar todo o discurso relativo às questões do “C” e “L”, interpretando a materialidade do corpus sobre o que é efetivamente dito. “A

análise do discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ela está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2015, p. 24).

Destacamos que a análise realizada terá um viés crítico a partir das falas dos empresários brasileiros. Maingueneau (2015, p. 54) destaca que “A análise crítica do discurso contemporânea incide sobre as discussões sociais, muito frequentemente expressas em termos de “poder” ou de “desigualdade social””. A análise crítica do discurso, só se torna viável neste caso porque a própria gênese da AD de certa forma já é crítica (MAINGUENEAU, 2015), Assim, “Uma boa análise crítica deve poder basear-se em bons conhecimentos sobre o funcionamento do discurso; reciprocamente, o estudo do funcionamento do discurso implica considerar o fato de que o discurso é sempre marcado por interesses” (MAINGUENEAU, 2015, p. 61).

É utilizado rótulos com números e letras entre parênteses para criar as correlações entre os discursos dos empresários (emissor) com as próprias análises teóricas e de interpretação dos pesquisadores. Assim, utilizaremos um quadro com quatro colunas que serão apresentadas os: emissores, seus discursos; os elementos teóricos da análise do discurso; e finalizando, a interpretação do pesquisador.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Emissor e Data da mensagem	Corpus do Discurso	Elementos Teóricos da Análise do Discurso	Interpretação do Discurso (pesquisador)
Roberto Justus 23/03/2020	O total de mortos até agora no mundo foram de 12 mil, 12 mil pessoas morreram (C) do Coronavírus (1) até agora, isso é absolutamente nada, 220 mil infectados... Esse isolamento, vai custar muito mais caro, você tá preocupado com os pobres? Você vai ver a vida devastada da humanidade na hora do colapso econômico, da recessão mundial (2), dos pobres não terem o que comer (B), das empresas fecharem, do desemprego em massa, não dá pra comparar com um viruzinho, uma gripezinha leve pra 90% das pessoas, não dá para comparar o	“Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 31). Quando o emissor diz que tudo isso que está acontecendo terá impactos desastrosos na economia, ele tem como fonte a memória de situações passadas ocorridas, ele dá como exemplo a quebra da bolsa de Nova York nos anos 1929 (2) (A). O emissor em sua memória traz fatos históricos ocorridos em tempos outrora, em que crises econômicas penalizam	(1) O discurso proferido pelo emissor negligenciou os estudos e prognósticos prospectivos da covid-19 no mundo. Na época de seu discurso, o emissor pautou-se em dados recentes, e não considerou as questões prospectivas que muitos especialistas vinham fazendo. (2) O emissor evidencia que o custo maior se refere ao prejuízo que as economias no mundo terão com o isolamento social. (3) Nesta fala o emissor minimiza a pandemia e reforça que não se compara o que virá posteriormente, se referindo a quebra da economia pela pandemia.

	<p>desastre que vai ser a vida (3). Quem entende um pouco de estatística, que não é seu caso, isso é irrisório (4) ... tá preocupado com a vida das pessoas? Fica preocupado não com o vírus entrando na favela, por que ele não vai matar ninguém na favela, vai matar só velhinho e gente já doente (5), não tem nenhuma morte no mundo até hoje dos 12 mil, que a pessoa não teria algum problema recorrente de saúde no passado, nenhuma! como é que você me explica isso? Todos foram velhinhos, todos foram, se mais jovens que tinham problema pulmonar, ou são diabéticos, ou têm outras doenças (5) que fizeram com que o vírus ficasse um pouco mais grave, a pessoa saudável zero! E os pobres não são todos doentes não, então na favela não vai acontecer porra nenhuma, muito pelo contrário, essa molecada que tá na favela, criança de 0 a 10 anos, nenhum caso, as crianças nem pegam a doença, isso não é grave! Grave é o que vai acontecer com mundo agora com uma recessão global como nunca visto na história (6), nem o crash de 29, nem nada (A)... Vou te passar, se tiver paciência e um bom inglês, por favor leia a matéria, tem várias, tem do Wall Street Journal (7), tem várias, mas vou te passar a melhor de todas, falando sobre essa histeria totalmente desproporcional (8).</p>	<p>mais os mais pobres, consequência do fechamento das empresas e o aumento vertiginoso do desemprego (B). No discurso do emissor, é evidente a preocupação com a economia, essa é a sua principal argumentação, independente de quem vai morrer ou viver, é seu principal fundamento, o qual se justifica pelo fato de que a pandemia matará menos pessoas do que se a economia vir a ruir. Orlandi (2015) diz que todo discurso tem uma relação de sentido e como tal, mutuamente se autossustentam. Por isso o emissor sustenta que a crise que a pandemia acarretará a economia é mais grave do que as 12 mil pessoas que na ocasião era o quantitativo oficial de vítimas do covid-19 no mundo (C). Nesta parte (7) o emissor evidencia o sentido de racismo culturalista tratado na obra de Souza (2019) que é uma dimensão não refletida do comportamento social daqueles que valorizam aquilo que é tido como melhor. Para o emissor o Wall Street Journal é melhor que a Folha de São Paulo. Principalmente se a informação lhe convier melhor. “Milhares de trabalhos foram realizados nas duas décadas seguintes com o intuito de mostrar como os Estados Unidos eram o modelo universal para o planeta. Todos os outros países eram uma espécie de realização incompleta desse modelo” (SOUZA, 2019, p. 27).</p>	<p>(4) O emissor na fala desqualifica o receptor da mensagem, que se apresenta estar mais preocupado com as vidas das pessoas do que com a economia, isso é subentendido, mas se mostra evidente na fala do emissor. (5) O emissor da mensagem nessa passagem minimiza que o vírus não afetará as pessoas residentes nas favelas, dando sentido de que apenas idosos e pessoas com outras doenças são propensos a adquirir a covid-19, o que não é uma verdade, pessoas de diversas idades morrem diariamente vítimas da covid-19. (6) Nesta passagem o emissor reforça que na favela ninguém será contaminado, por serem crianças, e estas não contraem a covid-19, novamente uma grande mentira. Finaliza dizendo que isso não é grave, que grave é o que vai acontecer com a economia mundial, de fato haverá um grande impacto econômico, mas o emissor desqualifica vidas em detrimento das falências empresariais, um discurso egoísta. (7) Menospreza o receptor da mensagem quando diz que se tiver um bom inglês vai conseguir entender aquilo que ele sustenta, dá impressão de que as informações mais fidedignas são aquelas publicadas em jornais de reconhecimento internacional. (8) Finaliza sua fala minimizando toda a pandemia como uma histeria desproporcional.</p>
<p>Luciano Hang 22/03/2020</p>	<p>Pessoal, o que nós tamo vendo neste país hoje eu acho que é uma histeria (9)</p>	<p>O discurso do emissor é caracterizado como autoritário e ameaçador.</p>	<p>O discurso proferido pelo emissor, carrega em comum com o do emissor anterior a ideia de que se</p>

	<p>que não deveria estar acontecendo. Pra mim, pra mim, Luciano, é muito simples, né, quando eu for ver a situação feia eu cancelei os pedidos, é muito simples, e vou ter dinheiro para pagar tudo, tudo o que eu comprei e vai me sobrar dinheiro (10), então eu simplesmente, fecho as lojas, cancelo os pedidos (11) de todos os fornecedores, tenho dinheiro para pagar tudo e vai sobrar dinheiro no meu bolso (no áudio percebe-se o som que o emissor faz ao bater pelos menos três vezes a mão no bolso da calça), e aí vou pegar e vou pra praia (12), né, e quem sabe, e quem sabe, eu tenha que mandar 22 mil colaboradores embora (13). Um emprego no comércio é 5 empregos para trás, ou seja, se eu tenho 20 mil colaboradores hoje, eu tenho 120 mil pessoas dependendo da Havan (14), então é o seguinte, eu vou mandar uns 22 mil colaboradores (15) embora, para trás eu faço um rombo de 120 mil pessoas...</p>	<p>Para Orlandi (2015) os discursos autoritários se caracterizam pela polissemia contida. O discurso do emissor é carregado de personalismo político, de uma ideologia patriarcalista e de individualismo e egoísmo, destacamos que Pêcheux (2014) vê que a ideologia não é feita de ideias, mas de práticas, ações comuns, nesse caso partimos para considerar que a ideologia além de ser o próprio arraigamento de uma cultura nacional patriarcalista, que se materializa no próprio individualismo nas palavras do emissor (13). Não é uma visão de mundo (ou macro da pandemia), é uma visão particularizada de que tudo o que está acontecendo vai inviabilizar todos os planos de acumulação de capital e ampliação da riqueza. Esse é o sonho do capitalista, ao se ver impedido de não realizar aquilo que havia idealizado, ele mobiliza favoráveis como políticos e outros pares. Ele vocifera contrariamente com quem o impede de fazer o que sempre fez.</p>	<p>está fazendo uma histeria por causa da pandemia (9)+(8), para o emissor tal histeria pode resultar em uma situação ruim para ele como para seus fornecedores e principalmente para os trabalhadores da empresa a qual ele representa, seu discurso é irônico e debochado, quando diz que fornecedores e colaboradores ficarão em situação ruim, menos ele que tem condições de ter ainda recursos financeiros para se garantir (10). Em tom de ameaça ele fecha as lojas, cancela todos os pedidos, o que efetivamente inviabiliza a cadeia produtiva para trás (fabricantes) (11). Continua em tom ameaçador dizendo que vai sobrar dinheiro para ir à praia e que 22 mil colaboradores de suas lojas serão demitidos (13). Informa que a cada 1 trabalhador de sua loja em média tem outros 5 atrelados que dependem de sua loja (14), o que reforça a concepção patriarcalista. E finaliza dizendo que vai demitir 22 mil, causando um impacto bem negativo nas vidas dessas pessoas.</p>
<p>Alexandre Guerra 25/03/2020</p>	<p>Um outro fator relevante, pessoas, o que que a gente faz com as pessoas? Férias coletivas? Tem um prazo, têm um período, a gente tá pagando salário de qualquer forma, imagina as pessoas sem trabalhar 30, 60 e 90 dias (16), você tem a folha de pagamento para pagar e você 90 dias sem faturamento (17). Você que é funcionário, que tem talvez esteja em casa numa boa, numa tranquilidade, curtindo um pouco esse home office (18), esse descanso forçado, você já se deu conta de que, ao invés de</p>	<p>O emissor quando diz (16)+ (17) ele é caracterizado como um tipo de “[...] ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras” (Isso certamente é atribuído ao emissor analisado anteriormente). Assim, quando o emissor pergunta o que fazemos com as pessoas, dando retoricamente respostas subtendida em sua mente,</p>	<p>O discurso do emissor, assim como os demais analisados carrega consigo a ideia de que a economia é mais importante que a vida humana. Reforça a ideia de que os empresários terão perdas bem maiores que as das pessoas, quando considera que não terão como honrar os compromissos salariais daqueles que estão isolados em casa, na “vida boa”. Em nenhum momento no discurso do emissor há uma preocupação macro com outras categorias de trabalhadores, com aqueles</p>

	<p>estar com medo de pegar esse vírus, você deveria também estar com medo de perder o emprego? (19) Será que a empresa tem condições de segurar o seu salário por 60,90 dias? Você já pensou nisso?</p>	<p>ele quer dizer que os trabalhadores são meramente custos que por ora há obrigações com eles, mas que isso não é possível sem que haja faturamento e nesse caso o melhor é que trabalhem. A relação que existe, é que não há como pagar os salários sem que se tenha receitas. Isso evidencia um pensamento: materialista, individualista e egoísta. No discurso seguinte (18) o emissor reforça a essência do mesmo discurso do emissor anterior nos discursos: (12) (13) (14) (15). Ele se diferencia porque a mensagem é direcionada ao trabalhador (18) (19), enquanto o anterior direciona para a sociedade no geral, em especial a políticos, empresários, fornecedores, empregados e demais participantes da cadeia produtiva.</p>	<p>que por hora atuam em outras frentes de trabalho como a economia informal. A preocupação é com basicamente os empresários do varejo. O emissor ao dizer o que disse, se preocupa de maneira individual, trata-se de um empresário franqueador de restaurantes, que em sua maioria são localizados em shopping centers. Durante a pandemia do novo Corona vírus os Estados e municípios amparados pela Constituição Federal fecharam os shopping centers inviabilizando os franqueados da cadeia de restaurantes Giraffas®. Outra observação, é que o emissor não tece críticas sobre o Estado, sobre as questões legais que impedem uma grande parte do comércio varejista de abrir suas portas. No discurso (16) o emissor refere-se a quem está isolado como aquele que está em uma vida boa, recebendo salários, enquanto os empresários arcam com isso. Para uma boa linguagem é o mesmo que dizer que o isolamento social para o trabalhador é uma folga forçada, uma vida boa bancada pelos capitalistas.</p>
<p>Júnior Dursnki 24/03/2020</p>	<p>As consequências que nós vamos ter economicamente no futuro serão muito maiores do que as pessoas que vão morrer (20) agora com o Coronavírus. Eu sei que nós temos que chorar e vamos chorar, mas nós não podemos por conta de 5 mil pessoas ou 7 mil pessoas que vão morrer (21), eu sei que é muito grave, sei que isso é um problema, mas muito mais grave é o que já acontece no Brasil (22) ...</p>	<p>“Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 31). Utilizamos novamente a citação anterior para analisar o discurso do emissor. Orlandi (2015) entende que o discurso evidencia quem é o sujeito, pela sua forma de argumentar, o seu próprio discurso mostra que tipo de pessoa é, se ele tem comportamento</p>	<p>O emissor mostra que vidas não tem importância, pois assim como os demais as consequências serão maiores se a economia ruir, quando ele minimiza a situação de que não podemos por uma economia por causa de 5, 7 mil vidas ele mostra o seu verdadeiro apreço pela vida humana. Trata-se de um empresário, proprietário de uma rede de restaurantes de classe alta, que considera que os 5 ou 7 mil que vão morrer não se encontram entre</p>

		humanitário, se é desumano, materialista, egoísta, individualista. No caso do emissor, podemos crer que suas palavras soam como um ser de pouca ou nenhuma característica empática com aqueles que já morreram vítima da pandemia, desprezível na melhor de todas as características.	seus clientes, ele põe na vala comum as demais pessoas que podem morrer para que a economia possa continuar funcionando
--	--	---	---

Quadro 01: Análise dos Corpus e Função Discursiva dos Emissores Analisados

5 CONCLUSÃO

O ensaio conclui que a partir das análises realizadas, os empresários em questão, diante de todos os problemas que a pandemia trouxe, em especial a morte até o momento de mais de 500 mil vidas brasileiras são insensíveis em seus discursos, a máxima proferida é o quanto a economia será prejudicada com os isolamentos sociais, evitando que trabalhadores possam realizar suas atividades laborais, e ainda um discurso não velado contra o Estados e municípios que mantiveram o fechamento de alguns setores da economia por força de Lei Constitucional.

Outra questão fundamental que temos que encaixar nesta análise das falas é justamente a resposta de quem morre(u) durante a pandemia? Dados divulgados pelo SUS em julho destacam a vítima-perfil da covid-19: Dados retirados do open data SUS apontam que na região norte, negros e pardos representam 85,1% aos mortos por COVID, no Brasil são 60,7% dos mortos pela doença. Ainda pela mesma pesquisa pobres e pardos são maioria dos mortos pela doença. Assim, devemos analisar nestas mortes previstas e colocadas como inferiores a vida da economia quem vai morrer.

Os fatos e acontecimentos, previstos na história, mostram que sujeitos como os analisados sempre existiram. A humanidade nesse sentido, evoluiu pouco. O poder é para poder ser e se perpetuar nele obter benesses dele e dele acumular bens de capital. O homem sempre será o lobo do homem. Assim, metaforizamos esse ensaio crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar**: Aventura da Modernidade. Companhia das Letras, São Paulo, 1986.

CORREIA, Rogério. Canal do Youtube do Deputado Rogério Correia: Canal Sempre na Luta. Áudio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HgWnw1AxW8o> 23.03.2020.

GAZETA DO POVO Podcast: "**A revolta dos empresários com a quarentena do coronavírus**" Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/coronavirus-crise-economia-bolsonaro-empresarios/> Copyright© 2020, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital 1848-1875**. Paz e Terra 13 ed. São Paulo, 1996.
JUNIOR ROBERTO. **Web se revolta com declaração de Durski, dono do Madero, e pede boicote...** – 24/03/2020 disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/web-se-revolta-com-declaracao-de-durski-dono-do-madero-e-pede-boicote.htm?cmpid=copiaecola> Copyright© 2020, Universo On-line-UOL. Todos os direitos reservados.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. Pé da Letra, São Paulo, 2017

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Parábola, São Paulo, 2015

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. Martin Claret, São Paulo, 2008.

MARX Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Boitempo, São Paulo, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimento**. 12^a ed. Pontes, Campinas, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Unicamp, São Paulo, 2014.

PRADO Júnior, Caio. **A Revolução Brasileira**, Brasiliense, São Paulo, 2004.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso: Da escravidão a Bolsonaro**. ed. ver, Estação Brasil, Rio de Janeiro, 2019.